

# Tecendo redes de comunicação para o desenvolvimento local: experiências de redes sociais nos contextos populares<sup>1</sup>

## Creating communication networks to local development: social networks experiences in popular contexts

*Maria Salett Tauk Santos<sup>2</sup>*  
*Nataly de Queiroz Lima<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivos analisar a participação popular nas redes sociais que se estabelecem no processo de construção do desenvolvimento local nas comunidades de Barra do Riachão, Itapissuma e na Ilha de Deus, assim como os meios de comunicação utilizados nessas redes. As três comunidades têm em comum a exclusão social e as estratégias comunitárias de participação social para driblar esse cenário. A presente pesquisa tem fundamentação teórica focada nos estudos culturais latino-americanos de comunicação e na teoria das redes sociais e inclusão social via Castells, Scherer-Warren e Santos. A vivência das comunidades demonstrou que, na complexa dinâmica das sociedades globalizadas, onde estão inseridos os contextos populares locais, é fundamental valorizar as capacidades culturais e as articulações presenciais como pontos de convergência para incentivar as articulações em rede em prol de direitos e desenvolvimento com equidade e sustentabilidade, ou seja, de desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Comunicação. Redes sociais. Desenvolvimento local. Participação popular.

### ABSTRACT

This article aims to analyze: the popular participation in the social networks and communication processes concerning local development in the communities of Barra do Riachão, Itapissuma

1 Artigo recebido em 27-5-11. Aprovado em 16-8-11.

2 Jornalista. Doutora em Ciências da Comunicação. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil. *E-mail:* mstauk@hotmail.com

3 Jornalista. Mestre no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil. *E-mail:* queiroz.nataly@gmail.com

and Ilha de Deus, in the state of Pernambuco, northeastern Brazil and the media used in these networks. The three communities have in common social exclusion and community strategies for social participation to overcome this scenario. As theoretical and methodological framework, this research combines theories of Latin American School of cultural studies and studies of social networks in the information society by Castells, Scherer-Warren and Tauk Santos. The study showed that, in the complex dynamic of globalized societies, where the local popular contexts are inserted, is important improving the cultural capacities and the faces joint in the local social networks to defend rights and the development with equity and sustainability, in the other words, local development.

**Keywords:** Communication. Social networks. Local development. Popular participation.

## Corpo do texto

**E**ste artigo tem como objetivo analisar a participação popular nas redes sociais que se estabelecem no processo de construção do desenvolvimento local. Especificamente, o estudo se volta à compreensão das formas de funcionamento dessas redes e dos meios de comunicação que são utilizados nas comunidades de Barra do Riachão, Itapissuma e na Ilha de Deus, no Estado de Pernambuco, Região Nordeste do Brasil. O estudo é resultado de pesquisa realizada no âmbito do Núcleo de Pesquisa Comunicação, Culturas Populares e Tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. As três comunidades pernambucanas têm em comum a exclusão social e as estratégias comunitárias para driblar esse cenário como a formação de redes sociais na perspectiva de uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na construção do desenvolvimento local.

O desenvolvimento das novas tecnologias e do funcionamento dos mercados financeiros impulsionou os estudos sobre as redes. O tema ganhou relevância na década de 70 (séc. XX), quando se estruturou um campo de estudo intitulado *social network analysis*. “Esse paradigma de análise de redes parte do pressuposto de que a vida de cada indivíduo depende em grande medida da forma como se encontra ligado a um amplo espectro de conexões sociais dentro de uma estrutura sistêmica.” (SCHERER-WARREN, 2007, p. 33).

O rural contemporâneo é parte importante das redes sociais globais, estando conectado e formando núcleos coletivos para promoção de direitos civis e potencialização da produção de bens e serviços. Entre as décadas de 70 e 80 (do séc. passado), ganham fôlego no País as redes movimentalistas, ou seja, experiências de articulação de grupos sociais mais ou menos organizados em pautas de natureza fragmentária e específica, em especial, no meio urbano popular. Scherer-Warren

postula que tais coletivos, em geral, possuem formas solidarísticas ou estratégias de instrumentalização de alguns movimentos, mas que três dimensões devem ser consideradas nas análises: a temporalidade, a espacialidade e a sociabilidade. A primeira corresponde aos mecanismos de conexão de tempos sociais distintos; a segunda, à criação de territorialidades, sejam virtuais ou presenciais; e a última, às novas formas de relações sociais, sua intensidade, intencionalidade, significado e abrangência. (SCHERER-WARREN, 2007, p. 37).

As redes de movimentos sociais se formam em um complexo sistema de reconhecimento, no qual as identidades são causa e consequência da formação de um núcleo coletivo, visto que o reconhecimento pode ser impulsionador da aglutinação dos atores sociais, mas também suas percepções e sua relação identitária podem ser reformuladas em um processo dialógico. Essas articulações se conectam através de identificações sociais, éticas, culturais e/ou político-ideológicas; de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e resistência; e de mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistemática, com vistas à transposição dos limites dessa situação sistêmica na direção da realização de propostas ou projetos alternativos, ou seja, estabelecem seus objetivos ou constroem um projeto para o movimento. (SCHERER-WARREN, 2007, p. 36).

As redes sociais primárias, interindividuais ou coletivas, caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados. (SCHERER-WARREN, 2007, p. 39).

Este estudo está focado nas comunidades de Barra do Riachão, Itapissuma e Ilha de Deus. As três convivem com uma realidade de escassez de políticas públicas e sociais. Suas populações têm baixo nível de escolaridade, têm na produção agrícola e pesqueira suas principais fontes de renda e pouco acesso aos bens materiais e simbólicos da sociedade da informação, apesar de terem, na grande mídia, seus principais meios de lazer e de informação.

Ressalta-se, como pontua Santos (2009), que os contextos populares devem ser compreendidos como cenários onde predominam populações que vivem em condições desfavoráveis e desigualdades dos pontos de vista social, político e

econômico, em relação ao acesso e à apropriação dos produtos da riqueza do mundo. “Como se sabe, a principal característica dos contextos populares é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta desigual e desnivelada”. (SANTOS; Lima, 2006, p. 130-131).

## A pesquisa: redes sociais e contextos populares como ponto de partida

A fundamentação teórica do presente estudo está focada nos estudos de recepção e nas interações midiáticas, a partir da perspectiva dos estudos culturais latino-americanos. A combinação se faz necessária para a apropriação da amplitude do tema das redes sociais, principalmente quando são globais e se utilizam das mediações tecnológicas para promover a integração de sujeitos de realidades distintas, mas que têm em comum a condição de estarem inseridos em contextos populares. Como destaca Santos, “a pesquisa de recepção não se limita a processos diretamente ligados às mídias. A recepção é entendida como um processo em que existe um contrato de comunicação proposto por organizações governamentais, não governamentais ou a mídia e uma determinada população”. (SANTOS; LIMA, 2006, p. 110).

Nos anos de 1980, os estudos de recepção estavam centrados na análise do impacto dos produtos midiáticos nos receptores, na eficiência dos veículos de comunicação (canal) e das mensagens para convencer as audiências. Na década seguinte, é ampliado o olhar sobre o receptor, que se desloca do histórico papel passivo e passa a ser considerado como sujeito ativo do processo de decodificação dos significados das informações veiculadas e das interações midiáticas. Gómez considera que, na atualidade, os estudos de recepção estão centrados no debate epistemológico, abrindo o leque de temas para compreender a diversidade e a complexidade da contemporaneidade:

Del mero interés por conocer lo que sucede frente a las pantallas o las gratificaciones individuales de los receptores, se ha pasado a una búsqueda por entender los usos sociales de la comunicación y la producción de sentido en general y de manera pormenorizada. La creación simbólica y la producción de sentido en general y de manera pormenorizada. La creación simbólica y la producción cultural en general y en especial la conformación de las culturas políticas de los receptores, han sido vetas de especial atención en los ER contemporáneos. Más recientemente se han empleado ER para conocer la conformación y la reconstitución de identidades de los sujetos receptores, dentro de un esfuerzo por explorar la constitución de la sociedad contemporánea y la creación cultural global y localizada. (GÓMEZ, 2002, p. 20).

Os estudos de recepção, como destaca Lopes, se constituem em uma perspectiva de investigação, articuladora do conjunto do processo de comunicação:

A recepção é, antes de mais nada, uma perspectiva de investigação e não uma área de pesquisa sobre mais um dos elementos que compõem o processo de comunicação, neste caso, o público. Não se trata de substituir a análise da “produção”, da “mensagem” ou do “canal” pela da “recepção”. Firmamos aqui uma perspectiva integradora e compreensiva do estudo da recepção, uma vez que todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações. (LOPES, 1997, p. 152, grifo da autora).

Gómez (2002) ainda destaca que dessas preocupações se desdobram múltiplas mediações, porque a construção do sentido de uma determinada mensagem depende de fatores diversos como da subjetividade, das crenças, das relações de classe, de gênero, entre outras. No paradigma da sociedade da informação, a diversidade de interações sociais midiaticizadas por novas TICs requer uma aproximação do objeto de estudo. “São as circunstâncias do objeto que oferecem as pistas para que o pesquisador capte a mediação ‘por excelência’, isto é, aquela ou aquelas cuja interferência afeta de maneira singular o processo de comunicação. Nessa perspectiva, a mediação é algo construído em cada caso.” (SANTOS; LIMA, 2006, p. 110).

Como produção de conhecimento em ciências sociais e, diante da complexidade do assunto referente aos usos das redes sociais em contextos populares, o estudo adota uma perspectiva de combinação de métodos. Assim, a pesquisa tem caráter qualitativo e analítico. Trata-se de um estudo de multicasos, a partir do uso de técnicas combinadas de coleta de dados como a análise documental, a pesquisa bibliográfica, o uso de técnicas etnográficas de observação e de roteiro de entrevista semiestruturada aplicada aos jovens dos contextos populares em estudo para apreender a complexidade do cotidiano dos entrevistados como assinala Gaskell:

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes, em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos. (2005, p. 65).

Optamos por este roteiro teórico-metodológico por acreditar ser o mais adequado para o objeto de estudo. A atualidade do tema das redes sociais o torna desafiador, sendo ainda impossível apreender a sua totalidade. Por isso, neste recorte específico, a pesquisa se propõe a analisar as apropriações dos jovens rurais a partir da sua

inserção em redes sociais midiáticas por TICs e a possível inclusão de elementos voltados ao desenvolvimento local.

## O perfil dos contextos populares analisados

Barra do Riachão é uma comunidade do Município de São Joaquim do Monte, região Agreste do Estado de Pernambuco, que possui cerca de 772 habitantes, os quais vivem, basicamente, da agropecuária. Itapissuma é uma pequena cidade com 72 km<sup>2</sup>, localizada no Litoral norte do Estado, com população estimada de 24.026 habitantes. Segundo dados do governo local, 73,5% da população vive da pesca artesanal. Esse é o mesmo meio de sobrevivência da maioria dos moradores da Ilha de Deus, comunidade localizada no Município do Recife, onde residem, aproximadamente, 430 famílias, cujas habitações são, na sua maioria, de tábuas e palafitas.

As poucas iniciativas governamentais de melhoria da qualidade de vida fizeram com que, em maior ou menor grau, as populações locais se organizassem em redes para, ora captar apoios e recursos para realizar atividades em prol do desenvolvimento local, ora articular esforços endógenos de promoção dos capitais humano e social. Em Barra do Riachão, a população não tem acesso à internet – por falta de políticas de inclusão digital, mas também por motivos tecnológicos: não há cabos que permitam a conexão com a *word wild web* – mas internamente lança mão de estratégias presenciais, como reuniões periódicas de articulação comunitária e produtiva. Entre essas, as mais expressivas são a Associação de Moradores, o Grupo de Mulheres Arte Calango e o Bahia Futebol Clube. Por meio de uma articulação com a Universidade Federal de Pernambuco, a comunidade passou a integrar a Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis.<sup>4</sup> Essa recebe recursos financeiros e apoios técnicos do governo do Estado e da Agência de Cooperação Canadense.

Na Ilha de Deus, localidade com uma expressiva história de ocupação e resistência, que, durante muito tempo, esteve privada de serviços públicos básicos como saneamento básico e água encanada, os moradores também formaram redes para suprir suas necessidades. Assim, aparecem como as mais expressivas a Associação Caranguejeiro

---

4 A Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis tem como objetivo promover uma maior interação nos municípios entre Poder Público e sociedade civil, a fim de melhorar os indicadores de desenvolvimento social que, em algumas localidades no Nordeste do Brasil, são baixos. A articulação dos municípios é realizada pela Universidade Federal de Pernambuco por meio do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP), pela Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado Seplag/Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco Condepe/Fidem e pela Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica).

Uçá, o Grêmio de Futebol, uma creche, escola comunitária e a rádio comunitária Boca da Ilha. Tais organizações internas estabelecem relações com órgãos do governo municipal, através da Secretaria de Assistência Social, do governo federal, através do Ministério de Desenvolvimento Agrário, entre outros, além de órgãos de classe como o Conselho Regional de Medicina (Cremepe) e o Sindicato de Médicos de Pernambuco (Simepe).

Em Itapissuma, as redes não são de natureza tão diversa quanto em Barra ou na Ilha de Deus. Com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano de Pernambuco, as energias estão voltadas ao combate da pobreza e ao reconhecimento da comunidade pesqueira local. Cerca de 70% da população dessa comunidade vive da atividade pesqueira. Internamente, há a Colônia de Pescadores Z10 – grupo de pescadores com mais de mil filiados – e a participação das mulheres na Articulação das Pescadoras de Pernambuco, rede formada por Organizações Não Governamentais de mulheres e grupos de pescadoras de todo o estado. (MAPOARA et al., 2009).

## As estratégias de comunicação

A comunicação, como campo de estudo multidisciplinar, é elemento importante para se pensar no novo rural e nas estratégias para a construção do desenvolvimento local. Por isso, antes de iniciarmos a análise dos objetos desta pesquisa, é válido fazer uma retrospectiva sobre essas imbricadas relações. No Brasil rural, historicamente, esse vínculo se estabeleceu, de forma proeminente, desde as primeiras décadas do século XX. O modelo de assistência técnica e extensão rural era pautado pelo modelo de difusão de inovações, ou seja, utilizava estratégias de comunicação persuasivas para implantar novas tecnologias, maquinário e insumos agrícolas. Tal modelo desprezava os conhecimentos locais, as culturas populares e teve resultados devastadores para os pequenos agricultores, porque o convencimento ao consumo de novas tecnologias estava associado a linhas de crédito, que os trabalhadores mais pobres, por não conseguirem quitar as parcelas e endividados, eram obrigados a entregar como pagamento o terreno onde moravam e de onde tiravam sua subsistência. Esses foram engrossar as fileiras da mão de obra barata nas cidades.

As políticas públicas adotadas para o desenvolvimento local das comunidades rurais institucionalizaram o modelo difusionista de comunicação como estratégia de intervenção. As ações eram financiadas por organizações internacionais, em especial pelos Estados Unidos, no fim da década de 40 (séc. XX), que, saídos da Segunda Guerra Mundial, ampliavam as relações políticas e comerciais com países vizinhos, sob a nuvem de medo que pairou no cenário da Guerra Fria.

Por meio de um sistema organizacional articulado em todo território nacional, capitaneado pela ABCAR – Associação Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, o governo cria um sistema de comunicação, segundo preceitos do Manual de Planejamento do Trabalho em Extensão Agrícola de Joahanon Timmer (1954), que recomendava “persuadir as populações rurais a aceitar a nossa propaganda”. Referia-se às informações tecnológicas que a gente ocupada em atividades agrícolas deveria incorporar para que as mudanças sociais acontecessem na direção pretendida: a modernização do campo. (SANTOS, 2000, p. 202-203).

Situadas em locais onde faltam opções de lazer e comunicação – para além dos bens simbólicos da grande indústria cultural –, as comunidades analisadas neste estudo consolidaram meios de comunicação capazes de estruturar as suas redes. Como uma das características da exclusão social (e digital) é a desigual oportunidade de acesso e apropriação dos bens materiais e simbólicos, a comunicação oral e presencial ainda é o modelo mais utilizado.

Em Barra do Riachão, no entanto, a participação na Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis possibilitou a criação de um grupo de *design*, intitulado “Arte Calango”, o qual foi responsável por uma refuncionalização da confecção de redes de pesca – atividade historicamente produtiva das mulheres. Utilizando o mesmo ponto de costura, elas passaram a produzir blusas, echarpes e outras peças de moda, que ganharam expressão estadual. Materiais de divulgação em sites de parceiros, fôlderes, etc. deram suporte à diversificação da atividade produtiva local.

Em Itapissuma, ainda são incipientes e ineficientes as formas de comunicação nas redes. O único produto encontrado foram materiais educativos impressos e produzidos pela Articulação das Pescadoras de Pernambuco. Considerando que parte expressiva da população local, composta em sua maioria por mulheres, é analfabeta, tais materiais são pouco utilizados. A coordenação da Colônia de Pescadores Z10 também reclama da incipiente participação política, mas o pagamento de uma taxa mensal, além do descrédito na melhoria da qualidade de vida, são apontados como fatores de desmobilização. As experiências demonstram a relação de retroalimentação entre redes sociais, comunicação e desenvolvimento.

Na Ilha de Deus, além de material educativo impresso, produzido pela Associação Carangueijo Uçá, a comunidade conta com a rádio comunitária Boca da Ilha que alcança 60% da mesma. Essa articula atividades culturais com um grupo de teatro local (Grupo de Teatro da Ilha) e com o time de futebol. Os canais de diálogo estabelecidos com órgãos do governo e a participação em redes sociais externas à

ilha, possibilitaram a criação de um pequeno telecentro comunitário e a reconheceram como Zona Especial de Interesse Social, ou seja, área que deve ser prioritária de programas sociais. (SANTOS et al., 2009).

Ao estabelecer redes de comunicação, a comunidade da Ilha de Deus tem em seu favor a possibilidade de fortalecer suas ações e alcançar maior poder de negociação com as organizações parceiras e acesso às políticas públicas estruturantes, serviços e bens materiais e simbólicos, componentes necessários ao desenvolvimento local. (SANTOS et al., 2009, p. 258).

## Os usos das redes

A “economia de rede”, que é característica dos modelos agroindustriais de produção, tomou fôlego no Brasil com a crise de acumulação de capital, vivenciada no mundo, na metade da década de 70 do séc. recém-findo. A lógica capitalista de então valorizava um regime de acumulação flexível ao invés da oferta massiva de produtos, a inovação tecnológica, a flexibilização das relações de produção, além de estar fortemente vinculada à circulação de capital, de informações e de mercadorias. (SILVEIRA, 2007, p. 221).

A organização em redes articula os agentes econômicos na área rural. Assim, as redes “constituem arranjos organizacionais que utilizam recursos e envolvem a gestão das interdependências de várias empresas”. (SILVEIRA, 2007, p. 221-222). Entre outros resultados, tais articulações buscam a inclusão social, que representa acesso e exercício de direitos civis, políticos, socioeconômicos, entre outros. (SCHERER-WARREN apud SANTOS, 2009c).

Como resistência à tendência de liberalização capitalista, movimentos rurais, integrados, em geral, por trabalhadores rurais, sindicatos e Organizações Não Governamentais, envolvidos em torno de temas como agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento local, tem se organizado em redes sociais. As redes sociais formadas por movimentos com marcas identitárias fragmentadas (HALL, 2006) entram na disputa ideológica pela inclusão de um determinado ideário, através dos instrumentos que atuam como mediadores simbólicos da agenda pública. Na América Latina, experiências com comunidades indígenas, quilombolas e campesinas demonstram o interesse em se apropriar das novas tecnologias informacionais para criar formas alternativas de comunicação, de informação e de construção de capital social. Os produtos dessas apropriações, na maior parte das vezes e, infelizmente, ficam restritos a uma veiculação

localizada. Em alguns casos, falando para si próprios, como na Ilha de Deus, onde se constatou o uso das redes, restrito ao âmbito da comunidade, no sentido de ativar uma rádio comunitária, a Boca da Ilha, a serviço do público local. O trabalho para dentro da comunidade resulta que as críticas e as reivindicações da população desse contexto popular não conseguem atingir as mídias em uma esfera de poder mais ampla.

Embora reconheçamos as produções culturais locais como relevantes para a revalorização identitária de uma comunidade, para o incremento das capacidades locais, a falta de inserção do local nos grandes fios que conectam as regiões a um mundo globalizado é impeditiva para a construção do desenvolvimento local. Se a conexão é regra para a existência simbólica e material, as diferenças não devem significar desigualdades. A esse respeito, ressalta Canclini: “Para millones el problema no es mantener 'campos sociales alternos', sino ser incluidos, llegar a conectarse, sin que se atropelle su diferencia ni se los condene a la desigualdad. En suma, ser ciudadanos en sentido intercultural.” (2008, p. 53).

As redes se apresentam como potencializadores, como formas de melhorar a comunicação, de possibilitar o empoderamento dos sujeitos e de ampliar o raio de intervenção criativa sobre o real. De acordo com Martin-Barbero, o mundo atual é constituído por “redes e fluxos”. Se, por um lado, o fenômeno da aldeia global e sua permanente interconexão enfraquece as fronteiras nacionais, por outro, promove pontos de contato e interações globais que, à sua vez, terminam por ativar capacidades locais. Como assinala Martín-Barbero, as redes não constituem unicamente o espaço no qual circulam o capital, mas também “um lugar de encontro de multidões de minorias e comunidades marginalizadas ou de coletividades de pesquisa e trabalho educativo ou artístico”. (2003, p. 59).

Nesse sentido, observa-se que em Barra do Riachão, as redes materiais foram construídas a partir de estímulos exteriores à comunidade, mas que foram capazes de ativar as capacidades locais. O Grupo de Mulheres Arte Calango, por exemplo, conseguiu diversificar suas produções, antes restritas ao fabrico de redes de pesca, para a confecção de peças de vestuário feminino e de cama e mesa. Tal empreendimento possibilitou a inserção dessas mulheres na Feneart, maior feira de artesanato da América Latina. Tal processo, no entanto, não é isento de conflitos, principalmente quando se trata de comunidades tradicionais ou rurais. O rural hoje interpela a complexidade da constituição e do estudo sobre as populações do campo. As redes tecnológicas e sociais estão presentes no cotidiano da quase-totalidade da população mundial, mas a dinâmica de negociação de sentidos e o uso de bens materiais e culturais são campo de disputa como explica Martín-Barbero:

Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras –, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à intensificação de sua comunicação com as outras culturas de cada país e mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de ameaça à sobrevivência de suas culturas e como uma possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que comporta risco, também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro. (2003, p. 64-65).

O fato de participar de uma iniciativa do mercado de artesanato globalizado não garantiu, entretanto, o sucesso crescente do empreendimento das mulheres de Barra do Riachão. O que se observa é que, nos anos seguintes, elas não conseguiram manter o mesmo nível de vendas do primeiro ano. Isso se deve à dificuldade de atender à necessidade de constante inovação requerida pelo mercado de moda globalizado.

Em Itapissuma, o estímulo à formação de redes sociais também foi resultado de iniciativa externa à comunidade. No entanto, nessas redes, possivelmente, por se acharem distanciadas da cultura local, formada por uma maioria de pescadores artesanais, os esforços não tiveram uma consequência afirmativa no sentido de desencadear ações produtivas a partir das capacidades da população local.

## Considerações finais

As experiências analisadas evidenciaram que o desenvolvimento local depende das novas dinâmicas sociais e comunicativas requeridas pela sociedade das redes. As estratégias adotadas pelas comunidades de Barra do Riachão, Itapissuma e Ilha de Deus demonstram que, na complexa sociabilidade e nos padrões de produção local, as localidades precisam diversificar suas fontes econômicas para além da pesca artesanal e do modelo de produção agrícola, o que, entretanto, não significa êxodo. As novas ruralidades apontam a diversificação produtiva, para além das atividades estritamente agrícolas, como uma das características das comunidades rurais na atualidade.

Nesse processo, a importância dos produtos culturais e mesmo dos veículos de comunicação, nas realidades locais, depende menos da quantidade e diversidade de informação circulante do que da capacidade de mobilização que eles geram. (MARTÍN-BARBERO, 2003). Sempre ressaltando, porém, que a cultura e o desenvolvimento locais, assim como os processos que lhes estão imbricados, têm, na sua base, relações de poder e seus derivados conflitos.

A vivência das comunidades demonstrou que, na complexa dinâmica das sociedades globalizadas, onde estão inseridos os contextos populares locais, é fundamental valorizar as capacidades culturais e as articulações presenciais como pontos de convergência para incentivar as articulações em rede em prol das ações de consolidação de direitos a partir da valorização das energias e capacidades locais, na construção do desenvolvimento local.

## Referências

- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- DEMO, Pedro. *Participação é conquista: noções de política social participativa*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. Travesías de la recepción en América Latina. In: GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Recepción y mediaciones*. Buenos Aires: Norma, 2002. p. 15-24.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Temas contemporâneos em comunicação*. São Paulo: Edicon/Intercom, 1997.
- MAPOARA, Silvana et al. Produção da cultura na pesca de Itapissuma. In: CALOU, Angelo Brás Fernandes; SANTOS, Maria Salett T.; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes. *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009. p. 69-77.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.
- SANTOS, Maria Salett T. Gestão da comunicação no desenvolvimento regional. *Comunicação & Educação*; São Paulo, v. 11, p. 29-34, jan./abr. 1998.
- SANTOS, Maria Salett T. *Comunicação rural: velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local*. São Paulo: Intercom, 2000.
- SANTOS, Maria Salett T.; LIMA, Conceição Maria Dias de. Desafios cooperativos e estratégias de comunicação das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. *Unircoop*, v. 4, n. 1, 2006, p. 128-147.
- SANTOS, Maria Salett T. et al. Redes de comunicação e desenvolvimento local na Ilha de Deus. In: CALOU, Angelo Brás Fernandes; SANTOS, Maria Salett T.; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes. *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*.

Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009a. p. 191-210.

SANTOS, Maria Salett T. et al. Produção cultural na pesca artesanal na Ilha de Deus. In: CALOU, Angelo Brás Fernandes; SANTOS, Maria Salett T.; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes. *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009b. p. 235-249.

SANTOS, Maria Salett T. Inclusão digital, inclusão social? In: SANTOS, Maria Salett T. (Org.). *Inclusão digital, inclusão social?: usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares*. Recife: UFRPE, 2009c. p. 21-38.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 29-50.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Complexo agroindustrial, rede e território. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 215-255.